

SÓNIA SILVA

Vidas em Jogo. Cestas de adivinhação e refugiados angolanos na Zâmbia

Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2004.

Há várias e boas razões para se gostar do livro de Sónia Silva, *Vidas em Jogo*. Esta obra leva-nos ao universo da adivinhação, num contexto que é o dos refugiados angolanos no noroeste da Zâmbia (área luvale), através de um estilo narrativo que recria o cenário de um “diário” de campo, onde a informação etnográfica flui sem percalços, aparentemente alheia de modelos interpretativos e poupada a preciosismos académicos (em grande parte remetidos para notas de rodapé). Há uma preocupação premeditada em apresentar a etnografia em toda a sua candura, esclarecendo-nos sobre as circunstâncias da sua recolha e separando-a, tanto quanto possível, de um segundo nível de elaboração discursiva.

Dito isto, este não é mais um trabalho de incipiente reflexão epistemológica ou de introspecção egotista, tão em voga, onde a descrição etnográfica funciona como retiro fácil para a escassez de problematização teórica. Sónia Silva consegue, numa escrita leve, elegante, mas deliberadamente despretensiosa do ponto vista académico, em que o comparativismo e o diálogo teórico surgem “a talho de foice”, apresentar-nos uma etnografia de malha finíssima, construída num texto subtil com grande clareza metodológica e riqueza explicativa.

Este trabalho é prefaciado por Michael Jackson, um dos nomes mais representativos do olhar fenomenológico em antropologia (uma fenomenologia eclética, cf. Katz e Csordas, “Phenomenological ethnography in sociology and anthropology”, *Ethnography*, vol. 4, 3: 277) e professor da autora aquando do seu doutoramento na Universidade de Indiana (do qual resulta este livro). É partilhando esta postura fenomenológica que a autora usa conceitos como os de *embodiment* (incorporação) e intersubjectividade, e diz privilegiar “a utilidade à ontologia, a aparência à essência, a percepção à realidade, a história à intemporalidade” (p.54).

A autora pede-nos que desloquemos o nosso olhar das peças divinatórias (que têm constituído o cerne da abordagem simbólica à adivinhação) para a cesta que as alberga, levando-nos a acompanhar a biografia deste objecto, desde o seu fabrico até à sua “maturidade”, isto é, até ao consumir da transmutação ritual de uma mera cesta em

oráculo divinatório. Não é aqui negado o conteúdo proposicional desta prática, nem a importância do simbolismo das peças que tem animado tanta da análise antropológica neste âmbito (epitomada nos estudos valiosíssimos de Victor Turner). Declarando-se adepta de uma leitura pragmatista e existencialista, Sónia Silva pretende, contudo, fazer-nos olhar *para fora* do espaço ritual, devolvendo à adivinhação a sua inserção na vida quotidiana (enquanto actividade laboral) e nas ansiedades e constrangimentos de uma vivência sócio-temporal precisa: a da condição de refugiado em terra alheia.

Se é isto que faz, não faz apenas isto. Creio que este livro ganha ao exceder os seus fitos mais intencionais. Revelando-nos muito dos *sentidos* comunicados pela prática da adivinhação e a forma como esta recria novos sentidos, este texto é também – a despeito dos seus enunciados - esclarecedor de muita da linguagem simbólica e metafórica nela contida. Por outro lado, para quem se propõe privilegiar a “utilidade à ontologia” dedica, não obstante, um espaço fulcral à ideia (muito fecunda, a meu ver) da *ambiguidade ontológica* da cesta divinatória, simultaneamente concebida como pessoa e coisa. Sónia Silva introduz também um vector de contextualização histórica. Despojados de bens materiais mas também da dignidade que os definia como seres humanos (momentaneamente “objectificados”, no dizer da autora), os adivinhos angolanos refugiados na Zâmbia encontram na prática tradicional de adivinhação luvale uma ligação a um passado colectivo que os auxilia (certamente a par de outros mecanismos aqui não tratados) a restaurarem a sua condição de pessoa, “desobjectificando-se”. Também aqui a história não é, a meu ver, preferida à intemporalidade. É justamente a continuidade e o carácter relativamente perene e intemporal deste legado que permite aos refugiados “utilizarem-no” como uma forma de ligação ao passado.

Que a adivinhação é mais do que “um exercício intelectual de descodificação de símbolos” (pp.190-1) fica amplamente demonstrado. Para além de saber o que significa determinada peça divinatória, há que saber *como fazer*, não apenas como interpretar configurações de peças face a conjunturas de angústia e incerteza, mas saber como agitar a cesta, o que faz desta prática também uma prática *corporal*. Corpo e mente são parte de um contínuo e este não é o único contínuo de que nos fala a autora. Um dos aspectos mais ricos da sua abordagem é a diluição que opera em categorias como o sagrado e o

profano, o conhecimento e a crença, o ritual e o instrumental, o proposicional e o performativo.

A cesta é vista como “ser integrado”, e integrado porque incorpora as peças mas também o adivinho (e incorpora ainda Kayongo, o espírito dos antepassados adivinhos que se apodera do corpo do ritualista mas que se manifesta também através do seu objecto divinatório). E aqui surge um dos argumentos centrais deste texto: pessoa e objecto não podem ser pensados como noções mutuamente exclusivas (retomando a ideia de Jackson de que um *quem* implica um *quê*, p.21). No contexto ritual a adivinhação leva a dois processos concomitantes e inextricáveis: a objectificação da pessoa que é o adivinho e a personificação do objecto que é a cesta.

Achando uma contribuição importante a recusa de uma lógica binária e dicotómica e a constatação de uma intrínseca ambiguidade ontológica que une adivinho e cesta, não estou certa de que os conceitos de “objectificação” e “personificação” tenham a operacionalidade desejada para fazer diluir as noções de pessoa e coisa (podendo ser argumentado que, ao invés, as reiteram). Seja como for, apontam de forma inequívoca e interessante para a ductilidade, fluidez e osmose de identidades que cada vez mais me parecem caracterizar os mecanismos do pensamento simbólico.

Em suma, fornecendo-nos uma leitura que não visa analisar a adivinhação como um sistema de significados, a autora propõe-nos um olhar que se revela, ao longo do livro, bastante integrador. Afinal, como ela própria nos leva a constatar, a adivinhação é saber proposicional (é um *modo de conhecer*), é acção performativa (é um *modo de fazer*), é ferramenta ligada à subsistência e ao quotidiano (é *modo de trabalhar-e-laborar*). É tudo isto e ainda ligação a um passado colectivo com o qual os angolanos refugiados romperam abruptamente (é *modo de recordar*).

O livro de Sónia Silva é importante num momento em que tendem a ser cada vez mais escassos os trabalhos antropológicos alicerçados numa investigação de terreno apurada e que nos permitem aceder a uma compreensão coerente dos resultados dessa pesquisa.

Manuela Palmeirim
(Universidade do Minho)